

**ELITE**  
**PRÉ-VESTIBULAR**  
**c a m p i n a s**

**ELITE RESOLVE**

**FUVEST 2ª FASE**  
**PORTUGUÊS**

**2008**

**[www.elitecampinas.com.br](http://www.elitecampinas.com.br)**

**(19) 3251-1012**

**LÍNGUA PORTUGUESA**

**QUESTÃO 01**

*Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo. Raramente se dão ao trabalho de prestar contas quando erram. Quando o fazem não é decerto com a ênfase e o destaque conferidos às poucas previsões que acertam.*

Marcelo Leite, **Folha de S. Paulo**.

- a) Reescreva o trecho “*Jornalistas não deveriam fazer previsões, mas as fazem o tempo todo*”, iniciando-o com “*Embora os jornalistas...*”  
 b) No trecho “*Quando o fazem não é decerto com a ênfase (...)*”, a que idéia se refere o termo grifado?

**Resolução**

- a) A reescrita fica: “**Embora os jornalistas não deveriam fazer previsões, fazem-nas o tempo todo**”. A conjunção concessiva (embora) exige que o verbo de sua oração esteja no modo subjuntivo e em concordância com o tempo condicional que o originou. Assim, temos a concordância do pretérito imperfeito do subjuntivo (devessem) com o futuro do pretérito do indicativo (deveriam) da oração original. Também temos a omissão do termo “mas” e a conseqüente ênclise o pronome oblíquo átono “as”, pois não se devem iniciar orações com pronomes oblíquos (fazem-nas).  
 b) O pronome grifado assume o papel de termo coesivo anafórico, referindo-se à idéia antecedente “**se dar ao trabalho de prestar contas quando erram**” (Quando se dão ao trabalho de prestar contas quando erram...)

**QUESTÃO 02**

*Devemos misturar e alternar a solidão e a comunicação. Aquela nos inculcra o desejo do convívio social, esta, o desejo de nós mesmos; e uma será o remédio da outra: a solidão curará nossa aversão à multidão, a multidão, nosso tédio à solidão.*

Sêneca, **Sobre a tranqüilidade da alma**. Trad. de J.R. Seabra Filho.

- a) Segundo Sêneca, a solidão e a comunicação devem ser vistas como complementares porque ambas satisfazem um mesmo desejo nosso. É correta essa interpretação do texto acima? Justifique sua resposta.  
 b) “(...) a solidão curará nossa aversão à multidão, a multidão, nosso tédio à solidão.” Sem prejuízo para o sentido original, reescreva o trecho acima, iniciando-o com “*Nossa aversão à multidão...*”

**Resolução**

- a) Não; embora ambas realmente satisfaçam desejos humanos, eles não são idênticos: a solidão é usada para saciar a vontade de viver consigo mesmo, enquanto a comunicação serve para aplacar o desejo de conviver com outros. Assim, para que a afirmação fosse correta deveria dizer que a causa de a solidão e a comunicação serem vistas como complementares é satisfazerem desejos também complementares.  
 b) Nossa aversão à multidão será curada pela solidão, nosso tédio à solidão, pela multidão. (neste caso, o processo estabelecido pela inversão constitui-se pela transformação da voz ativa verbal para a correspondente passiva).

**QUESTÃO 03**

*Em janeiro de 1935, um grupo de turistas pernambucanos passeava de carro quando deu de cara com Lampião e seu bando. Revirando a bagagem do grupo, um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia. Aparentado, um deles levantou o dedo. “Quero que o senhor tire o meu retrato”, disparou o “rei do cangaço”, pondo-se a posar. O homem, esforçando-se, bateu uma chapa, mas avisou: “Capitão, esta posição não está boa”. Dando um salto e caindo de pé, Lampião perguntou: “E esta? Está melhor?” Outra foto foi feita. Quando libertava os turistas, após pilhá-los, o “fotógrafo” de ocasião indagou-lhe como podia enviar as imagens. “Não é preciso. Mandé publicar nos jornais”, disse o cangaceiro.*

Carlos Haag, **Pesquisa FAPESP**.

- a) No texto, as aspas em “*rei do cangaço*” e “*fotógrafo*” foram empregadas pelo mesmo motivo? Justifique sua resposta.

- b) Os trechos abaixo encontram-se em discurso indireto e discurso direto, respectivamente. Transforme em discurso direto o primeiro trecho e, em discurso indireto, o segundo.

I. (...) *um cangaceiro encontrou uma Kodak e entregou ao chefe, que perguntou a quem ela pertencia.*

II. “*Quero que o senhor tire o meu retrato*”, disparou o “*rei do cangaço*” (...).

**Resolução**

- a) Não. Em “o rei do cangaço” as aspas foram empregadas para acentuar o valor significativo da expressão positiva, ou seja, “rei do cangaço” tem seu significado válido em um contexto bastante específico – o cultural do nordeste do início do século – sendo uma alcunha de origem popular ou, mais especificamente, do próprio bando de Lampião; já em “fotógrafo”, as aspas serviram para realçar ironicamente o emprego do próprio substantivo, uma vez que o turista não era necessariamente um fotógrafo profissional, mas uma pessoa nisso transformada apenas pela ocasião.

b) I. O chefe recebeu uma Kodak de um cangaceiro e perguntou: “– A quem ela pertence?”

II. O “rei do cangaço” disparou que queria que o turista tirasse o seu retrato.

**QUESTÃO 04**

**O autoclismo da rerete**

*RIO DE JANEIRO – Em 1973, fui trabalhar numa revista brasileira editada em Lisboa. Logo no primeiro dia, tive uma amostra das deliciosas diferenças que nos separavam, a nós e aos portugueses, em matéria de língua. Houve um problema no banheiro da redação e eu disse à secretária: “Isabel, por favor, chame o bombeiro para consertar a descarga da privada.” Isabel franziu a testa e só entendeu as quatro primeiras palavras. Pelo visto, eu estava lhe pedindo que chamasse a Banda do Corpo de Bombeiros para dar um concerto particular de marchas e dobrados na redação. Por sorte, um colega brasileiro, em Lisboa havia algum tempo e já escolado nos meandros da língua, traduziu o recado: “Isabel, chame o canalizador para reparar o autoclismo da rerete.” E só então o belo rosto de Isabel se iluminou.*

Ruy Castro, **Folha de S. Paulo**.

- a) Em São Paulo, entende-se por “encanador” o que no Rio de Janeiro se entende por “bombeiro” e, em Lisboa, por “canalizador”. Isto permitiria afirmar que, em algum desses lugares, ocorre um uso equivocado da língua portuguesa? Justifique sua resposta.  
 b) Uma reforma que viesse a uniformizar a ortografia da língua portuguesa em todos os países que a utilizam evitaria o problema de comunicação ocorrido entre o jornalista e a secretária. Você concorda com essa afirmação? Justifique.

**Resolução**

- a) Não se pode confundir variação regional com uso equivocado da língua; para isso, seria necessário que uma variante da língua portuguesa fosse reconhecida como padrão por sua qualidade superior. Isso não ocorre na realidade, porém: cada grupo social usa a língua de forma diferente, mas adequada a suas próprias necessidades de comunicação. Portanto, seria incorreto afirmar que uma variante é mais correta que as outras, uma vez que todas cumprem o papel comunicativo a que se propõem. No caso citado, as palavras “bombeiro” e “canalizador” são compreendidas perfeitamente por falantes das variantes carioca e lisboeta, respectivamente.  
 b) Embora a questão pareça ser opinativa, ela envolve a distinção entre os conceitos de “ortografia” e “vocabulário”; portanto, a resposta é necessariamente não: uma reforma ortográfica tornaria mais uniforme o modo de grafar as palavras (acabando com diferenças como, por exemplo, “exacto” e “exato”). Porém, ela não teria nenhuma interferência na escolha lexical. Cada variante lingüística continuaria a utilizar alguns termos específicos para se referir a elementos da realidade que são designados por outros termos em uma variante diferente. Assim, mesmo que todos os países falantes do português grafassem “bombeiro” da mesma forma, alguns ainda usariam esse termo para se referir a um encanador e outros para designar o membro do corpo de bombeiros.

**QUESTÃO 05**

Para Pirandello, o cômico nasce de uma “percepção do contrário”, como no famoso exemplo de uma velha já decrépita que se cobre de maquiagem, veste-se como uma moça e pinta os cabelos. Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso, que nasce da ruptura das expectativas, mas sobretudo do sentimento de superioridade. A “percepção do contrário” pode, porém, transformar-se num “sentimento do contrário” – quando aquele que ri procura entender as razões pelas quais a velha se mascara, na ilusão de reconquistar a juventude perdida. Nesse passo, a velha da anedota não mais está distante do sujeito que percebe, porque este pensa que também poderia estar no lugar da velha – e seu riso se mistura com a compreensão piedosa e se transforma num sorriso. Para passar da atitude cômica para a atitude humorística, é preciso renunciar ao distanciamento e ao sentimento de superioridade.

Adaptado de Elias Thomé Saliba, **Raízes do riso**.

a) Considerando o que o texto conceitua, explique brevemente qual a diferença essencial entre a “percepção do contrário” e o “sentimento do contrário”.

b) “Ao se perceber que aquela senhora velha é o oposto do que uma respeitável velha senhora deveria ser, produz-se o riso (...)”.

Sem prejuízo para o sentido do trecho acima, reescreva-o, substituindo se perceber e produz-se por formas verbais cujo sujeito seja nós e é o oposto por não corresponde. Faça as adaptações necessárias.

**Resolução**

a) De acordo com o texto, a “percepção do contrário” é um sentimento desprovido de reflexão, que se caracteriza pela constatação imediata de que a situação observada é contrária ao que deveria ser. É, portanto, uma sensação em que o sujeito não se envolve com o objeto, mas se sente superior a ele. Já o “sentimento do contrário” ocorre quando o sujeito não se limita a sentir o choque causado pela contradição presente no objeto, mas se esforça para tentar compreender as suas razões. Ao fazer isso, o sujeito se coloca no lugar do objeto e, portanto, passa a se identificar com ele. Resumidamente, podemos dizer que a “percepção do contrário” é à distância e o “sentimento do contrário” é a identificação entre o sujeito e o objeto.

b) Ao *percebermos* que aquela senhora velha *não corresponde* ao que uma respeitável velha senhora deveria ser, *produzimos* o riso...

**QUESTÃO 06**

I. Não deis aos cães o que é santo, nem atireis aos porcos as vossas pérolas (...).

(Mateus, 7:6)

II. Você pode atirar pérolas aos porcos. Mas não adianta nada atirar pérolas aos gatos, aos cães ou às galinhas porque isso não tem nenhum significado estabelecido.

Millôr Fernandes, **Millôr definitivo: a bíblia do caos**.

a) Considerando-se que o texto II tem como referência o texto I, qual é a expressão que, de acordo com Millôr Fernandes, tem um “significado estabelecido”?

b) No texto I, os significados dos segmentos “*não deis aos cães o que é santo*” e “*nem atireis aos porcos as vossas pérolas*” reforçam-se mutuamente ou se contradizem? Justifique sucintamente sua resposta.

**Resolução**

a) A expressão que tem significado estabelecido de acordo com Millôr Fernandes é “**atirar pérolas aos porcos**”, que significa “desperdiçar algo valioso com quem não é merecedor”. Pode-se concluir que o trecho I é a origem do significado da expressão.

b) As expressões se reforçam, pois ambas afirmam que não se deve oferecer algo valioso (tanto ‘pérolas’ quanto ‘o que é santo’ têm significado positivo) a quem não o merece (tanto ‘cães’ quanto ‘porcos’ têm sentido pejorativo).

**QUESTÃO 07**

Considere os dois trechos de Machado de Assis relacionados a **Iracema**, publicados na época em que apareceu esse romance de Alencar, e responda ao que se pede.

a) *A poesia americana está completamente nobilitada; os maus poetas já não podem conseguir o descrédito desse movimento, que venceu com o autor de “I - Juca Pirama”, e acaba de vencer com o autor de Iracema.*

Adaptado de Machado de Assis, **Crítica literária**.

Machado de Assis refere-se, nesse trecho, a um movimento literário chamado, na época, de “poesia americana” ou “escola americana”. Sob que outro nome veio a ser conhecido esse movimento? Quais eram seus principais objetivos?

b) *Tudo em Iracema nos parece primitivo; a ingenuidade dos sentimentos, o pitoresco da linguagem, tudo, até a parte narrativa do livro, que nem parece obra de um poeta moderno, mas uma história de bardo\* indígena, contada aos irmãos, à porta da cabana, aos últimos raios do sol que se entristece.*

Adaptado de Machado de Assis, **Crítica literária**.

\*bardo: poeta heróico, entre os celtas e gálios; por extensão, qualquer poeta, trovador etc.

No trecho, Machado de Assis afirma que a narração de **Iracema** não parece ter sido feita por um “poeta moderno”, mas, sim, por um “bardo indígena”. Essa afirmação se justifica? Explique sucintamente.

**Resolução**

a) **Escola Poética** ou **Indianismo** ou **Movimento Indianista**. Trata-se da chamada primeira fase do Romantismo, cujo desejo era o da criação de uma literatura nacional e, no Brasil, tal objetivo foi empreendido por meio da idealização da figura do índio enquanto herói nacional. Na Europa, o Romantismo criou seus heróis a partir dos cavaleiros medievais. No Brasil, contudo, como não houve Idade Média, o cavaleiro não poderia ser o herói, tampouco os portugueses, visto que o Brasil havia acabado de ficar independente. Os negros africanos também não poderiam ser tomados como heróis, haja vista o pensamento da época. Os índios, então, eram a população que habitava o país antes da conquista europeia e a história e os costumes desse povo (ainda que atravessados por uma “europeização”) serviram como pano de fundo do empreendimento romântico de fundação de uma literatura nacional.

b) **Sim**, tal afirmação de Machado de Assis justifica-se perfeitamente. Para Machado, tendo José de Alencar (autor de **Iracema**) estudado profundamente a língua e os costumes dos considerados “selvagens”, este obriga ao leitor uma entrada profunda na poesia americana. Alencar teve o cuidado de não dar idéias modernas e científicas aos “filhos da floresta”. Então, Machado, considerando primitivos os sentimentos, a linguagem, a narrativa, não tece críticas a Alencar (como poderia parecer a uma leitura desatenta do termo “primitivo”), mas admite que tal efeito foi alcançado com consciência. O “bardo indígena” de que se trata é a própria estrutura em que repousa o enredo: a fundação do Ceará, o amor entre **Iracema** e **Martim**, o ódio entre adversários. Apesar dos aspectos históricos do livro, todo o resto foi imaginação do autor – poeta: originalidade dos episódios, figura poética de **Iracema**, promovendo comoção ao leitor por meios naturais, simples, com estilo e linguagem peculiares.

**QUESTÃO 08**

*Sou o Descobridor da Natureza.*

*Sou o Argonauta\* das sensações verdadeiras.*

*Trago ao Universo um novo Universo*

*Porque trago ao Universo ele-próprio.*

Alberto Caeiro, **Poesia**.

\*Argonauta: tripulante lendário da nau mitológica Argo; por extensão, navegador ousado.

Nos versos acima, Alberto Caeiro define-se a si mesmo de um modo que tanto indica sua semelhança como sua diferença em relação a um tipo de personagem de grande importância na História de Portugal.

a) Em sua definição de si mesmo, a que tipo de personagem da História portuguesa assemelha-se o poeta? Explique brevemente.

b) Considerados no contexto geral da poesia de Alberto Caeiro, que diferença esses versos assinalam entre o poeta e o referido tipo de personagem histórica de Portugal? Explique sucintamente.

**Resolução**

a) O poeta define-se como semelhante aos grandes navegadores, responsáveis pela conquista marítima portuguesa. Se, para os portugueses, os grandes navegadores foram responsáveis pela descoberta dos mares e apropriação de novos mercados, Caeiro define-se aqui como um grande “Descobridor da Natureza”, que descobre um novo Universo, a exemplo dos grandes navegadores portugueses, responsáveis pela expansão ultramarina.

b) No contexto geral da poesia de Caeiro, “pensar é estar doente dos olhos”, o que significa que o poeta valoriza o mundo sensível, objetivo, o já-dado. Por isso é que trazer ao Universo o “Universo ele-próprio” é apresentar uma novidade: a materialidade sensível desse Universo concreto. Tal imagem é oposta à dos grandes navegadores portugueses, os quais perseguiam justamente uma novidade projetada, apenas imaginada, repleta de desejos e valores, diferentemente de Caeiro, para quem os valores não concretos não têm importância.

**QUESTÃO 09**

– Você janta comigo, Escobar?

– Vim para isto mesmo.

*Minha mãe agradeceu-lhe a amizade que me tinha, e ele respondeu com muita polidez, ainda que um tanto atado, como se carecesse de palavra pronta. (...)*

*Todos ficaram gostando dele. Eu estava tão contente como se Escobar fosse invenção minha. José Dias desfechou-lhe dois superlativos, tio Cosme dois capotes, e prima Justina não achou tacha que lhe pôr; depois, sim, no segundo ou terceiro domingo, veio ela confessar-nos que o meu amigo Escobar era um tanto metedido e tinha uns olhos policiais a que não escapava nada.*

– São os olhos dele, expliquei.

– Nem eu digo que sejam de outro.

– São olhos refletidos, opinou tio Cosme.

*Seguramente, acudiu José Dias, entretanto, pode ser que a senhora D. Justina tenha alguma razão. A verdade é que uma coisa não impede outra, e a reflexão casa-se muito bem à curiosidade natural. Parece curioso, isso parece, mas...*

– A mim parece-me um mocinho muito sério, disse minha mãe.

– Justamente! confirmou José Dias para não discordar dela.

*Quando eu referi a Escobar aquela opinião de minha mãe (sem lhe contar as outras naturalmente) vi que o prazer dele foi extraordinário. Agradeceu, dizendo que eram bondades, e elogiou também minha mãe, senhora grave, distinta e moça, muito moça... Que idade teria?*

Machado de Assis, **Dom Casmurro**.

a) Um crítico afirma que, “examinada em suas relações, a população de **Dom Casmurro** compõe uma *parentela*, uma dessas grandes moléculas sociais do Brasil tradicional, no centro da qual está um proprietário mais considerável, cercado de figuras que podem incluir, entre outros, um ou mais agregados, vizinhos com obrigações, comensais, parentes pobres em graus diversos, conhecidos que aspiram à proteção (...).” (Adaptado de Roberto Schwarz, **Dois meninas**.)

Identifique o papel que cada uma das personagens que aparecem no trecho de **Dom Casmurro** desempenha na composição da referida “parentela”.

(**Observação:** os nomes das personagens encontram-se reproduzidos na página de respostas).

b) Na conversação apresentada no trecho, as falas de José Dias refletem a posição social que ele ocupa nessa “parentela”? Justifique sua resposta.

**Resolução**

a) **Escobar:** conhecido que aspira à proteção (torna-se grande amigo de Bentinho, filho de D. Glória e sua posição na estrutura proposta fica evidente no trecho final do texto)

**D. Glória (mãe de Bentinho):** proprietário mais considerável (ela é a dona da casa onde moram os outros personagens citados, com exceção de Escobar, amigo de Bentinho)

**José Dias:** agregado (é um “faz-tudo” da casa de D. Glória, em uma situação na estrutura proposta que pode ser considerada acima dos funcionários comuns, mas sem relação de parentesco com a família)

**Tio Cosme:** parente pobre (faz companhia a D. Glória e mora com ela)

**Prima Justina:** parente pobre (faz companhia a D. Glória e mora com ela)

b) Sim. Observa-se claramente que José Dias, em um primeiro momento, concorda com prima Justina e tio Cosme acerca de Escobar, entretanto, logo que D. Glória afirma ser Escobar “um mocinho muito sério”, para não discordar dela (segundo o próprio narrador), concorda com tal opinião. Fica evidente, aqui, que José Dias não se preocupa em tecer sua própria opinião, mas deseja tão somente concordar com a dona da casa, D. Glória. José Dias não é um parente, mas também não é um funcionário comum: é um agregado. Ou seja, ainda que ocupe uma posição social relativamente superior em relação a outros empregados, precisa se preocupar em agradar sua “patroa” pois sabe que com ela não possui qualquer vínculo familiar que a obrigue a mantê-lo em sua residência.

**QUESTÃO 10**

Em seu poema chamado “Graciliano Ramos:”, João Cabral de Melo Neto coloca-se no lugar desse escritor e desenvolve quatro afirmações:

I. “Falo somente com o que falo.” (= com os meios que uso para expressar-me, com o estilo que emprego).

II. “Falo somente do que falo.” (= dos assuntos de que trato, dos aspectos que privilegio).

III. “Falo somente por quem falo.” (= em nome de quem falo, a quem dou voz em minha obra).

IV. “Falo somente para quem falo.” (= a quem me dirijo ao escrever, de que modo trato o leitor).

Imitando o procedimento de João Cabral, coloque-se no lugar de Graciliano Ramos e desenvolva cada uma dessas quatro afirmações, tendo como referência o romance **Vidas secas**.

(**Observação:** As quatro afirmações a serem desenvolvidas encontram-se reproduzidas na página de respostas).

**Resolução**

I. “Falo somente com o que falo:” (= com uma linguagem considerada “econômica”, fragmentada por períodos curtos, formando imagens circulares, a fim de materializar linguisticamente a imagem dos meus personagens do sertão nordestino – sem perspectivas, sem acesso à educação formal, de poucas falas).

II. “Falo somente do que falo:” (= da realidade dos retirantes do sertão nordestino, que fogem da seca, que são explorados, que não têm condições de mudar de vida, que se aproximam de uma vida animalizada pelas dificuldades).

III. “Falo somente por quem falo:” (= pelos retirantes do sertão que sobrevivem e não têm voz, pois são explorados, massificados pela desigualdade social e pela imposição geográfica cruel do lugar em que sobrevivem; falo por eles de um lugar privilegiado, de onisciência, que me permite falar pelas pessoas e pelos animais, tão semelhantes nesta situação).

IV. “Falo somente para quem falo:” (= para o leitor, a fim de conscientizá-lo acerca de uma realidade que lhe pode ser distante, buscando, quem sabe, mobilizá-lo a tecer mudanças nesta realidade aqui denunciada).

**Tema de Redação**

*Vigilância epistêmica\* é a preocupação que todos nós deveríamos ter com relação a tudo o que lemos, ouvimos e aprendemos de outros seres humanos, para não sermos enganados, para não acreditarmos em tudo o que é escrito e dito por aí. É preciso vigiar o futuro para sabermos separar o joio do trigo\*\*.*

*Hoje boa parte dos sites de busca indexam tudo o que encontram pela frente à internet, mesmo que se trate de uma grande bobagem ou de evidente inverdade. Qualquer opinião emitida, vista como um direito de todos, é divulgada aos quatro cantos do mundo. De fato, alguns desses sites de busca deveriam colocar, nos primeiros lugares, páginas de renomadas Universidades, preocupadas com a verdade.*

*Todos precisamos estar muito atentos a dois aspectos com relação a tudo o que ouvimos e lemos:*

- *se quem nos fala ou escreve conhece a fundo o assunto, se é um especialista comprovado, se sabe do que está falando;*
- *se quem nos fala ou escreve, na verdade, é um idiota que ouviu falar algo e simplesmente repassa, aos outros, o que leu e ouviu, sem acrescentar absolutamente nada de útil.*

*Aumentar nossa vigilância e preocupação com a verdade é necessidade cada vez mais premente num tempo que todos os gurus chamam de Era da Informação.*

*Discordo, profundamente, desses gurus. Estamos, na realidade, na Era da Desinformação, de tanto lixo e ruído sem significado que, na maior parte das vezes, nos são transmitidos, todos os dias, eletronicamente, sem que exista o menor cuidado com a precisão e seriedade do que se emite, por parte das fontes que colocam matérias na rede. É mais uma consequência dessa idéia que a maioria das pessoas tem sobre a liberdade de expressar o que bem quiser, de expressar qualquer opinião que seja, como se opiniões não precisassem se basear no rigor científico, antes de serem emitidas.*

Stephen Kanitz, **Revista Veja**, 03/10/2007. Adaptado.

\* **Vigilância epistêmica** = capacidade de ficar atento e perceber se uma afirmação tem ou não valor científico.

\*\* **Separar o joio do trigo** = no contexto, capacidade de diferenciar observações equivocadas, mentiras mesmo, de outras afirmações que contêm verdades.

**Países se unem em projeto da ONU**

*Tesouros informativos de vários países estarão disponíveis gratuitamente para qualquer internauta, a partir deste mês, com a formação da Biblioteca Digital Mundial, uma iniciativa da ONU. O portal terá, na primeira fase, mapas, fotografias e manuscritos, com textos explicativos em sete línguas, inclusive português. Na segunda fase, será possível consultar livros.*

A Biblioteca Nacional brasileira é uma das participantes.

**O Estado de S. Paulo**, 02/10/2007. Adaptado.

*O acesso à Informação (em sua maioria, eletrônica) se tornou o direito humano mais zelosamente defendido. E aquilo sobre o que a informação mais informa é a fluidez do mundo habitado e a flexibilidade dos habitantes. O noticiário – essa parte da informação eletrônica que tem maior chance de ser confundida com a verdadeira representação do mundo lá fora é dos mais percebíveis bens da eletrônica. Mas a perecibilidade dos noticiários, como informação sobre o mundo real, é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança, do acelerado envelhecimento e da perpetuidade dos novos começos.*

Zygmunt Bauman. **Modernidade Líquida**. Adaptado.

**Instrução:** Os textos apresentados trazem reflexões e notícias sobre o mundo digital. Com base nesses textos e em outras informações e idéias que julgar pertinentes, redija uma DISSERTAÇÃO EM PROSA, argumentando de modo claro e coerente.

**Comentários Redação**

O tema da Fuvest neste ano, da mesma forma que já ocorreu em vestibulares passados, não foi explicitado, mas dependia de uma leitura atenta dos excertos apresentados na coletânea. Embora exista a expressão “mundo digital” na instrução para a escrita da redação, não é difícil perceber que o recorte temático a ser desenvolvido necessariamente inclui a relação das pessoas com as fontes de informação, influenciadas pela extrema velocidade trazida pela informatização. Assim, esperava-se do candidato que conseguisse elaborar uma redação clara e coerente sobre a melhor forma de se lidar com a informação no mundo contemporâneo, levando em conta que hoje em dia ela é muito mais acessível e veloz do que foi no passado.

O primeiro excerto poderia facilmente servir como base para um recorte temático em que o autor mostraria o lado menos discutido do elevado acesso à informação na atualidade: a dicotomia entre qualidade e quantidade. Stephen Kanitz argumenta que o tempo atual é a era da desinformação (e não da informação, como se costuma dizer) por causa da dificuldade encontrada por quem tenta filtrar o que lê, especialmente na internet. O candidato poderia corroborar a opinião do articulista para defender a tese de que a quantidade de informação não torna necessariamente as pessoas mais bem-informadas, ou mesmo que o excesso de dados não-verificados prejudica a busca pela verdade.

Uma outra possibilidade seria usar o texto de Kanitz como base para discutir a pretensa “democracia” trazida pela internet: muitos afirmam que uma vantagem da comunicação digital é o fato de todas as opiniões poderem ser ouvidas, sem filtros ou critérios econômicos que as impeçam de atingir o público. Porém, o primeiro excerto afirma o contrário, dizendo que a falta de um filtro não é algo positivo (por valorizar a opinião de um número maior de pessoas), mas sim negativo (por diminuir a porcentagem de opiniões embasadas entre as milhares de opiniões à disposição). Note-se, por fim, que o candidato não necessariamente teria de concordar com o articulista: seria possível combater a opinião expressa por ele, afirmando, por exemplo, que a maior quantidade de informação disponível dificulta o controle dos meios de comunicação por pequenos grupos.

No segundo excerto, uma notícia descreve o projeto da Biblioteca Digital Mundial, iniciativa da ONU que pretende tornar acessível a qualquer internauta um enorme material informativo. Essa notícia poderia ser usada para contra-argumentar o primeiro texto, pois mostra uma óbvia vantagem trazida pela comunicação digital.

Por fim, o terceiro excerto afirma que a existência de noticiários velozes contém, e si mesma, a idéia de sua efemeridade: a divulgação de notícias recentes a cada segundo necessariamente faz com que as notícias antigas percam espaço e se tornem inúteis rapidamente, ao mesmo tempo em que anuncia o mesmo destino para as notícias presentes. Cria-se, assim, um paradoxo que poderia ser explorado pelo candidato: a mesma velocidade que leva as pessoas a se interessarem pelas notícias faz com que elas percam esse interesse no instante seguinte.

Poder-se-ia usar o terceiro excerto, em conjunto com os outros dois, para defender a tese de que a comunicação digital é usada tanto na divulgação de conhecimento mais duradouro (como exemplificado no segundo excerto) quanto na exposição de informações inúteis ou equivocadas (como se argumenta no excerto 1); porém, a própria natureza das informações as leva a permanecer ou sofrer substituição por outras.

De modo geral, o tema da Fuvest seguiu a tendência dos últimos anos, apresentando uma discussão ampla, apoiada em textos de complexidade adequada ao bom estudante de ensino médio. O candidato que leu com atenção a coletânea e planejou seu texto não deve ter encontrado dificuldade.